

Artistarimética da Emília: arte e aritmética presentes no ensino de matemática na Obra de Lobato

Mathematics Teaching in Lobato's Work: Emília's Artisticmetric

La enseñanza de las matemáticas en la obra de Lobato:
la artistarimética de Emília em Espanhol

Adriel Gonçalves Oliveira¹  

RESUMO

Este artigo reflete sobre as relações entre arte e matemática a partir da obra literária de Monteiro Lobato (1882–1948). Partimos do pressuposto que interroga como a matemática se manifesta nos enredos ficcionais criados por Lobato. Nosso objetivo é explicitar que ora os saberes matemáticos figuram como formas autônomas atravessadas pela criatividade artística, ora se manifestam de forma mais próxima dos manuais didáticos da época de 1930. Nosso referencial teórico pauta-se em autores tais como Ginzburg, Sontag e Rancière. Como forma de análise, adotaremos uma escrita criativa que mimetiza os diálogos das personagens infantis de Lobato, cada qual desempenhando um papel retórico na construção do conhecimento, que é uma forma de relacionar arte e a pesquisa em Educação Matemática.

Palavras-chave: História do ensino; literatura; aritmética; Monteiro Lobato.

ABSTRACT

This article reflects on the relationship between art and mathematics through the literary work of Monteiro Lobato (1882–1948). We begin with the premise that questions how mathematics manifests itself in Lobato's fictional plots. Our aim is to clarify that mathematical knowledge sometimes appears as autonomous forms permeated by artistic creativity, while at other times it manifests itself in a manner more akin to textbooks from the 1930s. Our theoretical framework is based on authors such as Ginzburg, Sontag, and Rancière. As a form of analysis, we will adopt a creative writing style that mimics the dialogues of Lobato's children, each playing a rhetorical role in the construction of knowledge, which is a way of connecting art and mathematics education research.

Keywords: History of education; literature; arithmetic; Monteiro Lobato.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre la relación entre el arte y las matemáticas a través de la obra literaria de Monteiro Lobato (1882–1948). Partimos de la premisa de que las matemáticas se manifiestan en sus ficciones. Nuestro objetivo es aclarar que el conocimiento matemático a veces se presenta como formas autónomas impregnadas de creatividad artística, mientras que en otras ocasiones se manifiesta de una manera más cercana a los libros de texto de la década de 1930. Nuestro marco teórico se basa en autores como Ginzburg, Sontag y Rancière. Como forma de análisis, adoptaremos un estilo de escritura creativa que imita los diálogos de los hijos de Lobato, cada uno desempeñando un papel retórico en la construcción del conocimiento, lo cual constituye una forma de conectar la investigación en arte y educación matemática.

Palabras clave: Historia de la enseñanza; literatura; aritmética; Monteiro Lobato.

¹ Doutor em Educação Matemática (UNESP). Docente no programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Endereço para correspondência: Caixa Postal 1524–Campus Universitário Lagoa Nova, Natal/RN–Brasil, CEP 59078-900. E-mail: adriel.oliveira@ufrn.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo reflete sobre as relações entre arte e matemática a partir da obra literária de Monteiro Lobato (1882–1948). Partimos do pressuposto que interroga como a matemática se manifesta nos enredos ficcionais criados por Lobato. Nosso objetivo é explicitar que ora os saberes matemáticos figuram como formas autônomas atravessadas pela criatividade artística, ora se manifestam de forma mais próxima dos manuais didáticos da época de 1930.

Nossa opção de análise parte da crença de que o contexto histórico se constitui pelos documentos do passado, nos quais lemos inscrições de sua temporalidade, e, portanto, ele se só faz por meio da intertextualidade (Brito, 2011).

Dessa forma, esse trabalho foi constituído por meio de diálogos que mimetizam as formas narrativas de Monteiro Lobato, cada qual desempenhando uma função dialógica específica. Não queremos, com isso, lançar moda nem atender a alguma tendência de escrita. A opção pelo diálogo se justifica em virtude de que, assim, é evidenciada o caráter de do conhecimento como construído, por meio do agenciamento entre as diferentes vozes do discurso (Brito e Oliveira, 2025). De acordo com Rancière, a ficção é uma forma de conhecimento superior à história, pois essa está condenada a repetir a sucessão dos fatos de acordo com a sua desordem empírica cronologicamente imposta, enquanto aquela estabelece relações contextuais, aponta semelhanças, constrói enredos, enlaça os acontecimentos numa trama que é articulada com um acréscimo de racionalidade, a racionalidade peculiar dos modos ficcionais, e não com um déficit de realidade, como apregoa o senso-comum.

Não defendemos, com isso, que história e ficção tenham o mesmo estatuto epistemológico (Ginzburg, 2007). História e ficção pertencem a diferentes regimes de verdade. No entanto, ambas se re-aproximam na intenção comum de propor estruturas inteligíveis (Rancière, 2012)

Dessa construção analítica de nossa escrita, emerge, por um lado, a primeira relação entre arte e matemática, isto é, uma abordagem artisticamente tecida que apela às razões da ficção e assim concilia literatura e ensino de matemática. Por outro lado, essa relação também se estabelece em virtude da metodologia adotada, que toma uma obra ficcional como fonte para a pesquisa em história do Ensino de Ciências e Matemática.

Pode parecer paradoxal que uma pesquisa no âmbito da história constitua uma obra ficcional como fonte. No entanto, ficção não é o mesmo que mentira. Não são sinônimos. Conforme Rancière (2012, p. 53), “fingir não é propor engodos”. A estrutura inteligível que a racionalidade ficcional apresenta ao historiador atento, muitas vezes, é secundária para o objetivo da reconstituição da verdade histórica. O detalhe é que salta aos olhos. Os indícios do passado, às vezes, são lidos a contrapelo, contra a intenção de quem os escreveu (Ginzburg, 2007).

Mesmo os romances mais tolos, como aqueles de cavalaria, podem fornecer indícios do passado para o historiador atento: certas normas de vestimenta, informações sobre usos e costumes e até mesmo alguns valores tidos como ideais para o público-alvo de suas obras (Ginzburg, 2007).

Sontag (1986), nos alerta para o perigo que assola o intérprete acadêmico de reduzir a obra objeto de seu estudo à fonte histórica, a mero objeto de pesquisa, ao tomar o seu conteúdo destituído das formas pelas quais ela foi comunicada. No entanto, para nosso exercício interpretativo, não dissociamos forma e conteúdo; inclusive, mais nos interessa, para a construção deste trabalho, a relação entre texto e leitores, leitores e texto, constituindo-se na relação leitor-texto. O que mais explicaria a potência criadora da leitura senão a relação entre as duplas leitor-texto e forma-conteúdo?

DIÁLOGOS

— Visconde?—disse Narizinho—Por que interrogar se os escritos de Lobato sobre matemática se manifestam de maneira artisticamente criativa ou se se aproximam de uma abordagem institucionalmente disciplinarizada, seguindo o tom dos manuais de ensino?

— Ora, Narizinho!—redarguiu o Visconde de Sabugosa—Que pergunta é essa? Não queremos, aqui, classificar ou rotular os escritos de Lobato segundo uma ou outra teoria de análise que não é contemporânea aos seus escritos. Nossa intenção é mostrar nuances de abordagens, a fim de refletir sobre as relações entre arte e matemática. Pois, afinal, nos interessa menos o que os textos de Lobato significam do que as relações que eles estabeleceram com seus leitores.

— O Visconde diz isso, Narizinho, para desmerecer o texto central em que Lobato fala do ensino de matemática, que é a *Aritmética da Emília* (1935²)—disse Emília, envaidecida.—Se a aritmética fosse do Visconde, ele ia se interessar mais pelos significados contidos no livro.

— Ora, de certa forma a *Aritmética* deveria mesmo ter sido do Visconde, Emília—concluiu Narizinho.—Pois me lembro muito bem de que quem proferiu as aulas de aritmética foi o Visconde e não vossa bonequência...

— Isso tudo é intriga da oposição—esquivou-se a boneca.—Essas são as narrativas³ que circulam na grande mídia, com o único propósito de me desmoralizar frente a opinião pública.

— Mas, Emília, nós temos fotos de você riscando o nome do verdadeiro autor da aritmética e colocando o seu como autora da aritmética—emendou o Visconde, tentando assumir um tom neutro diante da polêmica.

— Silêncio! Silêncio!—gritou a boneca, assumindo conduta de juíza num suposto tribunal em que ela mesma era a ré.—Curiosamente, na Figura 1, vejo a foto de alguma boneca riscando o nome do Visconde, atribuído como autor do livro de aritmética, e colocando o meu nome, no entanto, se sairmos por aí e interrogarmos as crianças, todas elas dirão que essa boneca aí não sou eu...—sentenciou Emília, concluindo seu argumento.

2 Utilizamos a edição de 1935 (1ª edição da obra) devido ao nosso interesse histórico de refletir sobre a relação entre Lobato e o ensino de aritmética. Distinguem-se 5 edições centrais dentre as diferentes edições deste livro: as de 1935, a de 1938, a de 1942 e a de 1944. Todas essas edições sofreram pequenas modificações de uma para outra. Foram todas publicadas pela Companhia Editora Nacional. A edição de 1947 (Editora Brasiliense) é a última que foi revista por Lobato, que faleceu em 1948. Portanto, o corpo do texto das edições publicadas posteriormente seguem os cânones dessa de 1947 (Oliveira, 2015).

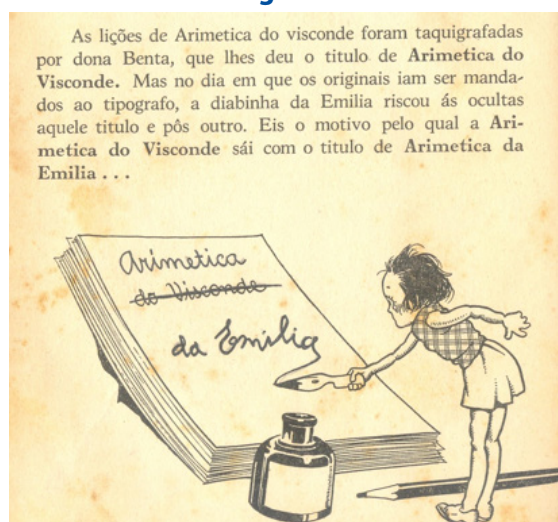
3 Emília, aqui, ironiza o uso indevido da palavra "narrativa", que se banalizou no vocabulário do jornalismo midiático, desde o aumento das *Fake News*.

— Não será talvez por que as personagens de Lobato, em pleno ano de 2025, já não são mais tão populares quanto nas décadas de 1930?—questionou-a o Visconde.

— Será que se trata de um caso de identidade falsa?—perguntou Narizinho, confusa.

— Aqui está a minha identidade de boneca traquina que atuou no romance de aritmética de Lobato...—declarou Emília, e mostrando ao mesmo tempo a figura 2—Eu sou essa boneca e assumo esse semblante e não aquela da figura 1.

Figura 1



Fonte: Monteiro Lobato (1935, p. 164)

Figura 2



Fonte: Monteiro Lobato (2009, capa)

— Mas, Emília, isso não se trata de uma outra identidade, e sim de uma diferente ilustração de uma outra edição do livro em questão—sentenciou o Visconde.

— Anistia! Anistia!—gritava Emília—Eu sou inocente! Eu sou inocente!

— Emília, se você é inocente de ter roubado os manuscritos da aritmética do Visconde, se realmente você foi acusada injustamente, por que quer anistia?—perguntou Narizinho, ingenuamente.

— Ora, Narizinho, porque, aqui no Sítio do Picapau Amarelo, vivemos o tempo em que as *narrativas* importam mais do que os fatos. Vivemos uma grande *NARRADURA*, que é a imposição do regime de organização administrativa daqui do Sítio pela autoritária Dona Benta.

— Mas, Emília, aqui no Sítio, ao contrário do Brasil da época em que viveu Lobato, a administração pública sempre funcionou muito bem. Obrigado.—declarou o Visconde.—O sítio, aliás, foi uma construção utópica do Brasil com que Lobato sonhara: desenvolvimentista, explorando ferro e petróleo, com uma agenda de educação pautada em valores laicos, em contraposição à tradição de ensino religioso que vigorava na primeira metade do século XX...—decretou o Visconde, sem paciência.

— Não vou nem responder a tamanho autoritarismo, caro senhor com título de nobre, **Visconde** de Sabugosa...—disse Emília, e prosseguiu: — Anistia! Anistia! *Narradura! Narradura!*

— Não vai responder, Emília, porque, afinal, contra fatos não há argumentos—disse Narizinho, mobilizando um baita clichê característico a seu modo ingênuo de argumentar...

— Eu estou de greve e enquanto não houver anistia não colaborarei com a escrita desse artigo!—disse Emília, fazendo pirraça, e prosseguiu: — Anistia! *Narradura!*

— Emília, se então vivemos sob um regime autoritário de “*narradura*”, conforme você insistentemente aponta, você então não tem direito à greve...—declarou o Visconde.

— Deixe-a fazer greve, Visconde!—convidou Narizinho—Eu, aliás, duvido que a tagarela da Emília consiga fazer greve de conversa. Lembra o quanto ela foi tagarela nas nossas aulas de aritmética? O silêncio é uma grave impossibilidade na boca da Emília.

— Ah, se me lembro...—disse o Visconde—Quantas vezes, no meio da aula, ela aparecia gritando coisas sem nexos, como daquela vez que encasquetou com a palavra “fazedores”...

— Isso quer dizer que a ordem dos fazedores não altera o Produto, observou Emília.
Dona Benta olhou para ela com os olhos arregalados. Estava ficando sabida de mais. Pena era aquela teimosia. Por que insistir em dizer fazedores em vez de fatores?
— Sim, disse Dona Benta, a ordem dos fatores não altera o produto.
— A ordem dos fazedores, teimou Emília.
Narizinho deu-lhe um beliscão.
— Respeite os mais velhos, ouviu?
Mas Emília, sempre louquinha, correu para longe e de lá gritou:
— Fazedores! Fazedores!... e ficou longo tempo a amolar com aquilo (Lobato, 1935, p. 77-79).

— Ah, Visconde, eu até entendo a sua raiva, naquele momento, em que você proferia essa aula, sobre o tema multiplicação, no capítulo VIII da *Aritmética da Emília* (1935). Você queria da gente seriedade e Emília começou essas renações. Mas, de certa forma, essas traquinagens dela aliviaram o peso do livro, conferindo um tom mais lúdico à abordagem das aulas, retirando um pouco da densidade da disciplina escolar que era tão temida pelos alunos—disse Narizinho.

— É verdade, Narizinho.—concordou o Visconde—Não podemos perder de vista que era um livro de literatura infantil. E Emília carregou o pesado fardo de conferir leveza ao texto...

— Vocês acham que eu sou boba, é?—provocou a boneca—Por que eu perderia a oportunidade de figurar como a grande estrela da obra? Eu disse, digo e re-digo, se precisar, FAZEDORES, a ordem dos fazedores não altera o produto...

— Acabou a greve, Emília?—perguntou Narizinho.

— A minha greve, Narizinho, não é uma greve de fala. A minha luta é para conseguir a anistia ao crime, que não cometi, de ter supostamente roubado do Visconde a autoria da Aritmética. E eu não vou colaborar com a escrita deste presente artigo até que me seja concedido tal perdão. Mas atrapalhar eu posso. Não só posso como também devo. Vou atrapalhar, sim... Não é assim que vocês me chamam, "a atrapalhadeira"?—concluiu a boneca, de maneira desvairada.

— Emília abdica da escrita do artigo, mas não de sua função—sentenciou o Visconde.

— Qual função?—perguntou Narizinho.

— Refiro-me ao fato de que cada personagem de Lobato exercia certa força construtora para a conversa: você, Narizinho, e Pedrinho interrogavam o que acontecia no sítio a partir da curiosidade pueril—respondeu o Visconde.

— Mas, Visconde, para além desse papel que cada um de nós, personagens de Lobato, desempenhamos no diálogo, talvez seja interessante você e Narizinho se perguntarem por que uma boneca de pano, como eu, acabou ministrando aulas de aritmética no projeto de Lobato...—alfinetou a boneca.

— Mas as aulas foram do Visconde!—exclamou, de prontidão, Narizinho.

— Anistia! *Narradura!*—gritou a boneca—e prosseguiu: — Visconde, ambos, eu e você, você e eu, somos bonecos, você é uma espiga de milho falante, e eu sou uma boneca de pano, e, repito, ambos fomos feitos pelas mãos de Tia Nastácia. Eu me pergunto: há tanta diferença assim se a aritmética é de sua ou minha autoria?

— Há pelo caráter simbólico, Emília, do que nós representamos internamente na obra de Lobato.—respondeu o Visconde—Pois, grosso modo, eu sou o porta-voz do conhecimento científico, enquanto você é a crítica do construção do conhecimento. Daí o porque de você ter roubado de mim os manuscritos: uma "aritmética do Visconde" implicaria numa abordagem desse saber matemático do ponto de vista do rigor das ciências, enquanto uma "aritmética da Emília" dialoga melhor com o imaginário popular, deixando entrever a aritmética a partir da visão da traquinagem, da brincadeira, das reinações...(Brito e Oliveira, 2015)

— Ah, começo a entender melhor essas tais funções que cada personagem desempenhava na construção do Sítio do Picapau Amarelo—disse Narizinho, e prosseguiu: — Faz sentido mesmo, para a coerência interna da obra, que a aritmética seja da Emília, para aliviar a tensão do espinhoso assunto da aritmética, até por isso Emília atrapalhava as aulas, com os gritos de "fazedores, fazedores"...

— Sim, Narizinho, por isso, ao aderir a greve de não ajudar na escrita desse artigo e em vez disso apenas atrapalhar, eu, na verdade, mesmo estando de greve, não estou, pois atrapalhar é a minha função...—disse Emily, e prosseguiu: — E essa espiga de milho falante, como você pode notar pelo tom assaz explicativo, para não dizer intrometido, tinha a função de professor da turma, o explicador, o sabugo de milho embolorado, intelectual, que vivia rodeado pelos livros da estante de Dona Benta. Esse sabugo é a representação do pensamento científico na obra de Lobato (Coelho, 1981)—disse Emília, em tom sempre debochado.

— Eu e Dona Benta cumpríamos uma função similar—disse o Visconde.—Dona Benta assumia um ar mais professoral, mas com certa sabedoria, certa vivência, enquanto eu me restringia ao saber livresco (Oliveira e Cunha, 2024).

— Que interessante!—disse Narizinho, de modo bastante ingênuo—E tia Nastácia e tio Barnabé...?

— Eram os porta-vozes do conhecimento popular, dos saberes do povo,—arrematou o Visconde —, tanto que o livro sobre folclore, isto é, “folk”+ “lore”, que significa conhecimento do povo, é narrado por tia Nastácia; são as *Histórias de Tia Nastácia*.

— Eu sou a grande estrela da obra de Lobato. Não sabe que muitas de suas obras levam o meu nome, tais como *Emília no país da gramática* (1934), *Aritmética da Emília* (1935), *Memórias da Emília* (1936)? Não sabe que as crianças pediam por mais livros meus? Olha o que Lobato confessou a seu amigo Cassiano Nunes, numa carta datada de 1934:

Numa escola que visitei a criançada me rodeou com grandes festas e me pediram: “Faça a Emília do país da aritmética”. Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando um caminho? O livro como o temos tortura as pobres crianças – e no entanto poderia diverti-las, como a gramática da Emília o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática e a aritmética. Fiz a primeira e vou tentar a segunda. O resto fica canja (Nunes, 1986, p. 96).

— Bem, Emília!—disse Narizinho, cansada pela vaidade ensandecida da boneca—Primeiro: isso me pareceu mais um apelo comercial, o atendimento a uma reserva de mercado, ao escrever livros ficcionais que tivessem circulação nas escolas da época (Oliveira, 2015). Segundo: a obra de Lobato que inaugura a sua saga infantil é o livro *Reinações de Narizinho* (1931), dedicado a mim, no qual você aparece como coadjuvante (Brito e Oliveira, 2015).

— Ora, Narizinho, a Emília se tornou uma espécie de alterego de Lobato—concluiu Visconde.—Ela nasceu das leituras de Nietzsche e desempenha papel de desconstruir lugares-comuns e as verdades sociais impostas. Ela é o protótipo mirim do super-homem nietzschiano, questionador, com certa centelha de dominação e de imposição, que se transfigura, na retórica lobatiana, numa crítica filosófica à ciência (Oliveira e Silva, 2017).

— Visconde, nós já falamos da polêmica do verdadeiro autor da *Aritmética da Emília*, se é você ou se é a Emília, depois exibimos uma ilustração da Emília riscando, antes dos manuscritos irem para a tipografia, o seu nome da capa como o autor da aritmética e colocando o dela; Emília se declarou inocente e, mesmo assim, exige Anistia, nos acusando de criar uma regime de “*narradura*”. Mas eu confesso que não entendi o que tudo isso tem a ver

com a abordagem matemática de Lobato ser mais artística ou se aproximar daquela dos manuais de ensino de aritmética—disse Narizinho.

— Narizinho, tudo isso faz parte da nossa ideia central—responde o Visconde.—Para falarmos da obra de Lobato, estamos aos poucos reconstruindo o contexto interno da obra de Lobato, falando de seus ideais e dos motivos pelos quais ele acrescentou à sua saga de livros um sobre o ensino de matemática.

— Na verdade, Narizinho, Lobato fez da organização social lá do sítio o que ele sonhava para o Brasil daquela época—disse Emília, mal humorada, e prosseguiu: — Olha o que ele disse numa das entrevistas que concedeu:

Emília e Tia Nastácia têm ideias muito sérias a respeito do Brasil. Ambas desejam que este 'gigante deitado em berço esplêndido' seja como o sítio de D. Benta, esse lugar onde todos vivem felizes, contentes uns com os outros, e onde há plena liberdade de pensamento. Querem que o país todo se torne um sítio de D. Benta — lá não se prende nem passarinho na gaiola. Todos são comunistas à sua moda, e estão realizando a República de Platão, com um rei-filósofo na pessoa de uma mulher: D. Benta (Lobato, 1961, p. 286-287).

— Esse era um sonho, uma utopia, que Lobato alimentou—disse o Visconde—Aliás, a sua intenção original de escrever livros de literatura infantil tinha a ver com esse projeto: escrever para a criança do hoje, para formar o adulto do amanhã.

— Mas a República tão sonhada de Lobato, que começa na Vila do Tucano Amarelo, não era lá muito democrática, não...—esbravejou Emília, e prosseguiu: — Eu me lembro muito bem de ter havido alguns atos autoritários, como daquela vez em que Pedrinho precisou organizar uma **greve** contra o Visconde, em o *Poço do Visconde* (1937):

— Escute, senhor geólogo — disse Pedrinho. —Basta de aulas. Fizemos **greve**. Queremos começar o poço já, já, está ouvindo?

O sabuguinho científico arregalou os olhos.

— Homessa! Como podem pensar em perfuração antes de terem adquirido uma boa base geológica?

— Do modo mais simples. Damos começo ao trabalho e V. Excelência nos vai ensinando pelo caminho, à proporção que os problemas aparecerem.

— Isso mesmo — berrou Emília. — Faz de conta que já sabemos a geologia inteira.

O Visconde coçou a cabeça; mas como era **greve**, teve de concordar.

— Pois seja — disse ele. — Serão aulas ao ar livre.

Começaremos com o estudo geológico dos terrenos do pasto (Lobato, 1965, p. 79-80).

— Mas, Emília, ao contrário de revelar um ato autoritário, esse excerto reafirma o caráter democrático do livro, em que há a liberdade para a greve—respondeu o Visconde. — E, além do mais, podemos entrever uma ideia de educação como projeto, feita alinhando teoria e prática, o que está de acordo com os valores positivistas da época, pautada numa agenda laica, científica, enciclopedista.

— É verdade, Visconde—concordou Narizinho—Eu me recordo que, nessa ocasião, Pedrinho estava cansado de tanto ouvir, ouvir, ouvir sobre geologia, ciências da terra e da potencialidade do petróleo. Daí veio o ato de greve como um protesto contra as aulas livrescas, reivindicando que abrissemos logo o tal poço à procura de petróleo.

— Mas nada, no sítio, acontecia sem a anuência de Dona Benta!—gritou Emília: — Anistia, *narradura*!

— Emília, ter voz e dar anuência aos acontecimentos do sítio não é o mesmo que governar de forma autoritária. Ora, quando vocês decidiram pela greve, no enredo de *O Poço do Visconde*, a decisão de vocês não só foi respeitada como também acatada—sentenciou o Visconde.

— Além disso, a decisão pela escavação do poço de petróleo, o investimento no ferro, a intenção de modernizar o sítio não atendiam exclusivamente interesses de enriquecimento de seus proprietários, mas visavam à melhoria da vida do povo— declarou Narizinho.—Os objetivos de Seu Lobato eram maiores:

uma sociedade industrial, moderna e civilizada. A vila do Tucano Amarelo transforma-se numa esplêndida cidade de 100 mil habitantes, com ruas pavimentadas, cinemas, hotéis de luxo, escolas, a Casa de Saúde D. Benta e a Escola Técnica Narizinho. No município, as estradas de concreto construídas por D. Benta atraíam turistas de longe, pois eram pontilhadas de postos de gasolina Donabentenses, oficinas mecânicas e restaurantes (Campos, 1986, p. 126)

— Conquistas essas todas graças às greves organizadas por mim e pelo Pedrinho—disse Emília, botando meio palmo de língua pra fora.

— Você sabe que isso não tem a menor procedência—disse o Visconde.—Na trama de Lobato, não há elementos para e concluir isso. Aliás, ao contrário, de que essas conquistas provieram da gestão da sábia Dona Benta e não das greves que foram pontuais, conforme explicitado, no livro *O Poço do Visconde*.

— Falando em greve, Emília, você poderia encerrar a sua greve e começar a contribuir com a escrita desse artigo, ao invés de ficar apenas nos atrapalhando—sugeriu Narizinho.

— O que eu posso fazer, Narizinho? Eu não sou dessas personagens cafonas da literatura infantil pré-lobatiana, que se coadunam à educação moral religiosa⁴. Estou farta de moralismos. E minha independência só foi conquistada com muita rebeldia—disse a boneca, e prosseguiu: — Olhe o que Lobato disse de mim:

Ela começou como uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente foi evoluindo e adquirindo tanta independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntaram: ‘mas que você é, afinal de contas, Emília?’ Ela respondeu de queixinho empinado: sou a Independência ou Morte! E é tão independente que nem eu, seu pai, consigo domá-la (Lobato, 1948, p. 340-341).

— Daí a relevância, Narizinho, do ensino de aritmética proposto por uma boneca de pano—disse o Visconde, sem que a menina o entendesse: — ela vai além da domesticação dos corpos, pois é de pano, e estrangula o pensamento que tem contornos bem definidos, ao propor outra lógica além daquela que usualmente fazemos de certos conceitos.

— Aha!—gritou a boneca—Então você confessa que a Aritmética é, na verdade, minha...?

4 Emília refere-se ao fato de que, antes de Lobato, a literatura infantil brasileira tinha aspecto moralista, burguês e crítico. A histórias de Lobato rompe drasticamente com isso, ao deslocar os ensinamentos morais do ensino religioso para uma agenda laica e enciclopédica, conforme apreçoava a filosofia positivista da época, atravessada pela pedagogia da Escola Nova (Oliveira, 2015)

— Não, Emília, eu sou quem proferiu as aulas. Mas admito que você, atravessada pelo seu niilismo de pano, foi essencial para o livro—disse o Visconde.

— Muito interessante!—Exclamou Narizinho.—Mas há necessidade de Emília desconstruir o que quer que seja neste presente artigo, Visconde? Não seria melhor nós a banirmos desta conversa, já que ela parece contribuir com absolutamente **nada** para essa reflexão?

— Anistia! *Narradura!*—gritou a boneca.

— Bem, Narizinho—sussurrou o Visconde —, deixe o niilismo da atrapalhadeira fluir porque, ao desestabilizar nossa discussão, ela cumpre seu papel.

— Parece que você, Narizinho, confunde o **nada** com que contribuo para discussão em andamento com o niilismo com que levo a minha vida. São conceitos distintos. Por exemplo, se você ou quem quer que seja vier me dizer que a relação entre matemática e arte se estabelece porque existem manifestações de padrão geométrico em obras de arte, eu terei de duvidar dessas relações...

MATEMÁTICA NA ARTE

— Como assim, Emília?—perguntou Narizinho, inquieta.

— Mas, Emília—esbravejou o Visconde —, há diversas evidências de obras de artes, pinturas, esculturas, que seguem a proporção áurea...

— Mas eu não disse que isso, de haver a proporção áurea, não existe—redarguiu a boneca —; é claro que existe. O que eu questiono é que tenha sido algo “natural”. Eu afirmo que as técnicas de pintura e escultura, sobretudo as gregas, com base no pitagorismo, tiveram influência sobre isso. Ademais, o que ainda resta a dizer sobre essa relação entre arte e matemática que se estabelece a partir da proporção áurea, do número divino?—indagou a boneca.

— De fato, não muito. Ou, até mesmo, nada—respondeu o Visconde —, mas, Emília, poderíamos, caso desejássemos, aprofundar esse estudo e falar sobre como a técnica de pintura cubista, por exemplo, evoca a mesma racionalidade que fundamenta a lógica da guerra

— Isso seria bacana, Visconde, muito bacana—disse Narizinho—, no entanto, fugiríamos de nosso escopo, aqui, que é falar da questão da matemática a partir da obra de Lobato...—apontou a menina.

— Além do mais, Visconde—incrementou a boneca—o artigo intitulado *Guernica, de picasso a Quino: modos terapêuticos de encenação do inefável* já estabeleceu essas relações a partir da crítica dadaísta feita ao cubismo (Brito e Oliveira, 2020). É melhor voltarmos ao nosso objetivo...

— Qual era esse mesmo ?—perguntou o Visconde, confuso.

— Era investigar se as manifestações de conhecimento matemático na obra de Lobato tendem a ser mais artísticas ou se, por outro lado, seguem o roteiro nada artístico, diga-se

de passagem, dos manuais de ensino de matemática da época em que viveu Lobato...–disse Narizinho.

— Sim, é isso mesmo, Narizinho!–gritou a boneca–Hoje vamos falar da matemática lobatizada e de como ela sofreu essa lobatização, se é que ela sofreu alguma lobatização...

— Mas o que seria uma matemática lobatizada, Emília?–Perguntou Narizinho.

— Aliás, Emília, qual seria a diferença entre a matemática lobatizada e a matemática não lobatizada? Não seriam as duas formas de expressar a mesma coisa?–Questionou-a o Visconde.

— Ora, que pergunta!–respondeu Emília, de maneira atrevida–É claro que não. Pois, se o modo como a Matemática é feita, construída ou disseminada não interfere na maneira como ela é percebida, qual seria a diferença entre um manual de ensino todo embolorado e um livro em que ela figura de maneira mais lúdica?

— Você, Emília, nos incita a refletir sobre aquela velha conversa sobre a separação entre forma e conteúdo nas obras de arte–concluiu o Visconde.

— Mas, Emília, essa dissociação entre forma e conteúdo é problemática para pensarmos a arte, não sei se ela caberia para a reflexão entre forma e conteúdo matemático–sentenciou Narizinho.

— Ora, até porque, Emília, se pensarmos nos objetos matemáticos, não podemos considerar que o modo como representamos determinado conceito é idêntico a tal conceito–sentenciou o Visconde–Ora, escrever 5, dizer número cinco ou, ainda, sinalizar cinco com os dedos–e o Visconde mostrou cinco dedos com a mão bem aberta enquanto dizia–não é o mesmo que o conceito do número cinco.

— Bem, Visconde, eu concordo com você. Não é mesmo. E o que é o número 5, afinal?–perguntou Emília.

— É a soma de um com um com um com um com um...–disse Narizinho ao mesmo tempo em que o Visconde disse:

— Emília, cada vertente filosófica vai ter uma resposta para essa pergunta–respondeu o Visconde.

— Mas, Visconde, minha resposta não está errada, pois o combinado era debatermos a “matemática lobatizada” e é assim que Lobato nos apresentou os números na *Aritmética da Emília* (1935), veja:

Dizem que a Aritmetica é a arte de calcular por meio dos algarismos. Aquele que entrou na frente é justamente o pai de todos–o senhor 1.

— Por que, pai de todos? perguntou Narizinho.

— Porque se não fosse ele os outros não existiriam. Sem 1, por exemplo, não pode haver 2, que é 1 mais 1; nem 3, que é 1 mais 1 mais 1–e assim por diante.

— Nesse caso, os outros algarismos são feixes de Uns! berrou a boneca pondo as mãos na cintura (Lobato, 1935, p.19).

— Parece ter havido certa confusão entre o que é algarismo e o que é número neste excerto—apontou, corretamente, o Visconde.

— Por quê?—quis saber Emília—Por que o Visconde *apontou corretamente* essa distinção entre “número” e “algarismo”?

— Porque, Emília, de fato são conceitualmente distintos: número significa a quantidade abstrata, uma coleção de objetos; numeral é a forma como representamos esse número, escrita ou falada; e algarismo são os símbolos que usamos para escrever os numerais—respondeu o Visconde.

Emília semi-cerrou os olhos e ficou observando o Visconde com cara de desconfiada. Ele não entendera seu questionamento. “*Narradura*”, pensou ela, mas não disse nada desta vez. Seu estranhamento direcionava à questão narrativa deste artigo e ao modo como o narrador a tratava.

— Quer dizer que se eu digo 5 maçãs ou 7 peixes, essa quantidade abstrata é o número 5 e o 7?—perguntou Narizinho—Mas, quando eu entoo a palavra cinco ou escrevo em meu caderno cinco ou então 7, eu uso os numerais 5 e 7 que significam o números 5 e 7?

— Sim, Narizinho—disse o Visconde.

— E os algarismos, ao menos os indo-arábicos, são apenas dez: 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9?—perguntou Narizinho.

— Exatamente. Mas temos outras formas de algarismos também, como os romanos, egípcios, etc...—respondeu o Visconde.

— E o que há de artistagem nisso? Essa abordagem, a meu ver, muito se assemelha às abordagens de manuais de ensino de aritmética das décadas de 1920 e 1930—disse a boneca.

Narizinho foi até à biblioteca de Dona Benta e encontrou na vastidão de sua biblioteca um livro intitulado *Aritmética na Escola Nova* (1933), de autoria de Everardo Backheuser. O livro pareceu-lhe contemporâneo aos escritos de Lobato, e de fato era, pois a *Aritmética da Emília* é originalmente de 1935, e o trouxe para a conversa...

— Olhem esse livro que encontrei—disse a menina.—Vejamos como ele fala dessa questão representativa:

Um dos modos de apresentar a noção de numero é considerá-lo como uma *coleção* de certa quantidade de objéto a que se junta mais um. 4 laranjas (coleção já conhecida) com mais 1 laranja formam 5 laranjas, quantidade que corresponde ao novo numero adquirido 5. Será sempre facil repetir em classe os ensaios desse genero, pois que não faltam aí *coleções de objéto*s (Backheuser, 1933, p. 111-112)

— De fato, Emília, a construção proposta por Lobato parece seguir a orientação deste livro que, na verdade, é um manual para a formação de professores—acrescentou o Visconde.

— Será que em termos de roteiro, de sequência de capítulos, o livro de Lobato segue o mesmo dos manuais de ensino de aritmética?—perguntou Narizinho, com curiosidade.

— Narizinho, estive analisando aqui alguns títulos da estante de Dona Benta e concluí uma coisa—disse o Visconde, em tom jocoso.—Em cada época, o ensino dispensado pelos professores é, grosso modo, idêntico para a mesma disciplina e para o mesmo nível. Todos os manuais ou quase todos dizem então a mesma coisa, ou quase isso. É um fenômeno que ele chama de vulgata escolar (Chervel, 1990).

— Que interessante!—exclamou a menina;

— Sim, mas também havia outro interesse nisso, partilhado pelo ideal de nação que se disseminou depois da proclamação da República, Narizinho. Os republicanos queiram ferir com o sentimento de Brasil colônia ou de império, construindo um sentimento de brasilidade. A uniformização do currículo escolar, em que crianças de norte a sul, de leste a oeste, estudavam os mesmos temas, atendia a esse ideal (Oliveira e Gouveia Neto, 2018)—respondeu o Visconde.

— Mas Visconde, essa questão da uniformização do currículo... Era mais ou menos, né, Visconde?—respondeu a respondeira—Pois vi aqui que na *Aritmética da Emília*, provavelmente por insistência de alguma espiga de milho falante acabamos tratando de temas como **Números Complexos**, é o último capítulo do MEU livro, e eu não vejo isso nos manuais de ensino de Aritmética da década de 1930 em diante...

— O que é isso de número complexo?—perguntou Narizinho.

— Número complexo, nessa época, vem do contexto do ensino de frações, e consiste nas medidas em que se misturam duas ou mais unidades de medida. Ao dizer, por exemplo, 1 semana e 2 dias, misturamos semanas e dias. Isso é um número complexo—sentenciou o Visconde.

— Deviam se chamar números "*simplexos*", devido à simplicidade de seu conceito—disse Emília—Tão simples que mal entendo porque desapareceram...

— Bem, Emília, isso se dava devido à adesão da parte do então império brasileiro ao sistema métrico decimal. Só aos poucos a população foi compreendendo esse sistema de medidas que era considerada altamente abstrata pela maior parte das pessoas. Os manuais de ensino de aritmética estabeleciam relações das medidas do sistema métrico decimal com as então denominadas medidas antropométricas, isto é, braça, palmo, pés, polegada, que eram utilizadas em muitos contextos comerciais na época, como na feira, onde as pessoas pediam em punhados e não em gramas ou quilos, por exemplo (Oliveira e Gouveia Neto, 2018). Conforme as pessoas foram assimilando o sistema métrico decimal, não havia mais a sua razão de existir. Esses capítulos se extinguiram, tais como as tais medidas antropométricas, que quase ninguém conhece hoje em dia—respondeu o Visconde.

— Podemos então concluir o artigo e irmos todos embora?—perguntou a boneca, impaciente.

— Por que, Emília, você quer concluir o artigo, se mal falamos das manifestações artísticas de Lobato apresentar a Matemática?—perguntou o Visconde.

— Por isso. Não existe abordagem artística da matemática da parte de Lobato—disse a boneca, de maneira desconfiada.—e então a única conclusão que nos resta é que Lobato, talvez num surto de falta de criatividade, não soube reinventar seu romance sobre o ensino de matemática e, entre aspas, “copiou” muito da sua abordagem dos manuais de ensino. E aí, podem concluir que essa aritmética sem graça é mesmo de autoria do Visconde...—disse Emília e só então seus dois interlocutores compreenderam que ela tendia ao cinismo.

— Emília, deixa de ser cínica!—disse Narizinho.

— Além do mais, Emília, existiu, no romance em questão, uma preocupação de mostrar que a aritmética não precisava ser tão temida, uma vez que ela estava entre nós, no mundo, na vida, em todos os lugares. Pois, se no livro anterior, a nossa turma havida passado no país da gramática, algo externo, fora do universo criado por Lobato, na aritmética, esse movimento se deu ao contrário: “a minha viagem é um pouco diferente das outras. Em vez de irmos passear no País da Matemática, é o País da Matemática que vem passear em nós” (Lobato, 1936, p. 14)—disse o Visconde.

— O que vejo é uma concepção bem platônica de matemática—disse a boneca.—Tudo muito idealizado, funcionando segundo as leis próprias do seu “País da Matemática”—disse Emília, em tom bastante debochado, e fazendo o sinal típico de aspas que as pessoas fazem com os dedos.—Mas, talvez lá, haja maior liberdade e os bichos matemáticos que lá vivem não estão sob uma *narradura*.

— Emília, quer parar de pedir anistia e nos acusar de perpetrar uma “*narradura*”?—disse Narizinho, com razão.

— Você ouviu, Narizinho?—perguntou a boneca—Logo imediatamente após você me questionar sobre a anistia e a *narradura*, disseram que você o fez COM RAZÃO.

— Ah, sim, Emília, esse foi o narrador da nossa história, que organiza, sintetiza, recorta o contexto histórico e, num processo analítico, o sobrepõe os textos-contextos um sobre os outros, configurando a escrita deste artigo...—disse o Visconde.

— Mas então...—e a boneca hesitou ao dizer—você sabe o que isso significa? Que eu tenho sido sabotada ao longo de toda essa trama que, de fato, eu vivo, sim, sob um regime de “*narradura*”, em que esse narrador impõe suas palavras na minha boca.

— Estou começando a achar que Emília tem razão—disse Narizinho.

— O que também não deixa de ser interessante—concluiu o Visconde—Pois, ao nos apropriarmos desses conceitos matemáticos, criamos uma forma de falar deles, que nunca será idêntica à cópia original, segundo a filosofia plantonista.

— E o que isso tem a ver conosco?—perguntou Narizinho.

— Ora, se Lobato tenta, sem sucesso, recriar os conceitos matemáticos que habitam o mundo das ideias, ele, no máximo, consegue criar cópias não fiéis a esses ideais aritméticos, ...—disse o Visconde.

— Mas ele tinha autorização para manifestar essas cópias?—perguntou Emília, em tom de gracejo.

— Emília, não se trata de ter autorização ou não—concluiu o Visconde, e prosseguiu: — Mas é aí, nas fissuras entre a cópia infiel do objeto platônico e a sua representação ideal (Silva e Leite, 2024) que existe a possibilidade de Lobato artistar a aritmética, isto é, engendrar o pensamento no próprio pensamento.

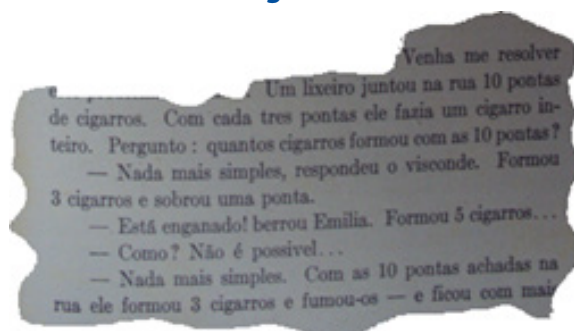
— Você quer dizer que a forma como fomos sequestrados da obra de Lobato, onde figurávamos como personagens plenamente idealizados, para vir para cá, trabalhar nesse artigo, essa maneira como fomos descaradamente explorados, isso é uma forma de artistar a escrita?—perguntou Emília, indignada.

— Eu não quis dizer isso, embora seja uma discussão bem interessante, Emília—respondeu o Visconde—A minha questão era para olharmos para as fissuras entre cópia infiel manifestada nos escritos de Lobato e a representação ideal desses conceitos.

— É o que nos resta—disse Narizinho -, já que não nos foi dado direito de escolha nesse regime *narradura* de escrita.

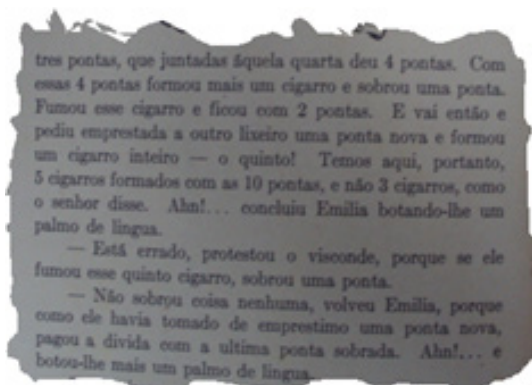
— Um trecho da *Aritmética da Emília* que talvez se encaixe nessa ideia, Visconde, é aquele problema das pontas de cigarro—disse Emília, e arrancou a Figura 3 e Figura 4 do livro, obra rara, o excerto que continha esse pedaço.

Figura 3



Fonte: acervo pessoal

Figura 4



Fonte: acervo pessoal

— Ótimo exemplo!—Exclamou Narizinho.

O Visconde apertou os olhos, limpou os óculos, mas leu pouco ou quase nada das Figuras 3 e 4: — Você pode pedir para o narrador transcrever esse excerto?—pediu o Visconde.

Um lixeiro juntou na rua 10 pontas de cigarros.

Com cada 3 pontas ele fazia um cigarro inteiro. Pergunto: quantos cigarros formou com as 10 pontas?

— Nada mais simples — respondeu o Visconde. — Formou 3 cigarros e sobrou uma ponta.

— Está enganado! — berrou Emília. — Formou 5 cigarros. . .

— Como? Não é possível. . .

— Nada mais simples. Com as 10 pontas achadas na rua ele formou 3 cigarros e fumou-os — e ficou com mais 3 pontas, que, juntadas àquela quarta, deu 4 pontas. Com essas 4 pontas formou mais um cigarro e sobrou 1 ponta. Fumou esse cigarro e ficou com 2 pontas. E vai então e pediu emprestada a outro lixeiro uma ponta nova e formou um cigarro inteiro — o quinto! Temos aqui, portanto, 5 cigarros formados com as 10 pontas, e não 3 cigarros, como o senhor disse. Ahn!... — concluiu Emília, botando-lhe um palmo de língua.

— Está errado — protestou o Visconde —, porque se ele fumou esse quinto cigarro, sobrou uma ponta.

— Não sobrou coisa nenhuma —olveu Emília —, porque como ele havia tomado de empréstimo uma ponta nova, pagou a dívida com a última ponta sobrada. Ahn!... — e botou-lhe mais um palmo de língua (Lobato, 1942, p. 161-162)⁵.

— Ah, sim, agora vejo—disse o Visconde.

— A artistagem ocorre porque Lobato transforma, pelo conjunto dos enunciados da trama, o algoritmo de divisão de 10 por 3 numa história jocosa—concluiu Narizinho.

— Sim, de fato—concluiu o Visconde —, o algoritmo da divisão ganha outra roupagem, ele é reinventado, há uma forma de novo pensamento dentro do pensamento já estabelecido e aceito na comunidade de professores...

— Eu, apesar de concordar com vocês, discordo de todos vocês, inclusive do nosso narrador—disse Emília.—Pois, conforme ficou claro pela leitura, não é o Lobato que “reinventa” o algoritmo da divisão e, sim, a boneca que propôs o tal problema. Portanto, exijo anistia à falsa acusação de que roubei os manuscritos do Visconde.

— A divisão de 10 por 3 que é igual a 3 com resto 1 se torna outra operação—observou o Visconde.

— Muito mais justa a maneira de Lobato de efetuar a divisão—disse a boneca.—Aqui, escrevemos esse artigo em três, eu, Narizinho e Visconde, mas ele sairá somente sob o nome do autor-narrador destas “narraduras”—gritou a boneca, inconformada.

5 Esse trecho foi denominado por Lobato de problema tahânico, relativo a Malba Tahan, porque foi inspirado na leitura do livro *O Homem que Calculava*, cuja primeira edição é de 1938, posterior, portanto, à publicação de *Aritmética da Emília* (1935). Por isso, a citação em questão traz a edição de 1942, 3ª edição da obra, pois essa é a primeira versão em que aparece problema tahânico. Para uma leitura completa sobre isso, ver Oliveira (2015).

CONCLUSÃO

— O que podemos concluir, Visconde?—perguntou a boneca.

— Ora, conclua que a análise que toma fontes ficcionais como objeto de análise permite ao historiador desvelar aspectos que não aparecem em documentos oficiais, devido a peculiaridade da forma estética como a literatura foi concebida por seus autores.

— Ótimo!—disse a boneca, anotando tudo o que o Visconde dizia: — Algo mais?

— E a respeito da abordagem matemática feita por Lobato, se ela é mais artística ou se segue os manuais de ensino da época?—perguntou Narizinho.

— Ora, Narizinho, a nossa intenção não era classificar a abordagem de Lobato de acordo com esta ou aquela categoria, mas, antes disso, a de explicitar os modos como cada uma delas ocorria na obra de Lobato—respondeu o Visconde. — O que não quisemos perder de vista é que, mesmo se afastado de uma abordagem artística-aritmética da Emília, a sua obra abordava o ensino de matemática de maneira intertextual aos manuais de ensino em virtude da crença de Lobato no Progresso. Essa crença, ora mais latente, ora mais explícita, reafirmava a importância de uma Educação de caráter laico, muito embora nosso autor não soubesse exatamente como construir essa abordagem de maneira artística.

— Sim, Viscondinho, querido—disse Emília-, e foi justamente essa dúvida sobre como artistar a aritmética que deixou escapar a raiz do pensamento que, se afastando do ideal representativo do saber idealizado, engendrou o pensar de dentro do próprio pensamento... Desnecessário dizer que eu sou a luz dessa *artistarimética* da Emília, não é?

Emília, com isso, roubou a cena da conclusão deste artigo. Por isso, nos reunimos eu-narrador, Narizinho e o Visconde, deliberamos e concluímos: sem anistia!

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior–Brasil (CAPES)–Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BACKHEUESER, Everardo. **A Aritmética na Escola Nova: a nova didática da aritmética**. Rio de Janeiro. Livraria Católica, 1933.

BRITO, Arlete de Jesus. **A matemática e seu ensino no século XVII: dois ensaios**. Tese (Livre Docência). Rio Claro: IB UNESP, 2011

BRITO, Arlete de Jesus e OLIVEIRA, Adriel Gonçalves. **Guernica, de Picasso a Quino: modos terapêuticos de reencenação do inefável**. in: MIGUEL, Antonio, Vianna, Carlos Roberto e Corrêa, Júlio Faria. Uma historiografia terapêutica de acasos. Uberlândia-MG. Navegando. 2020. <https://www.editoranavegando.com/livro-uma-historiografia-terapeutica> Acesso em Maio de 2025.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria & Educação, Porto Alegre, v.2, p. 177-229, 1990. <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://ppec.ufms.br/files/2020/09/A-hist%C3%B3ria-das-disciplinas-escolares-2020-09-21.pdf> Acesso em Agosto de 2025.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo. Quíron. Brasília: INL, 1981.

DUMONT, Isidoro. **Elementos de Aritmética: curso superior**. Coleção de Livros didáticos-F.T.D. São Paulo: LIVRARIA FRANCISCO ALVES PAULO de AZEVEDO & CIA LTDA. 1945, p. 474.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Oliveira, Adriel. **Memórias das aritméticas da Emília: o ensino de aritmética entre 1920 e 1940**. Tese de Doutorado em Educação Matemática. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – PPGEM, Unesp. Rio Claro, SP. 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/608359db-70dc-4992-9cf5-d84881cfe254> Acesso em julho de 2025.

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves e CUNHA, Aline Vieira da. Letramento Matemático a partir da obra infantil de Monteiro Lobato: reflexões e possibilidades. Revemop, Ouro Preto/MG, Brasil, v. 6, 2024. <https://periodicos.ufop.br/revemop/article/view/7420/5863> Acesso em Agosto de 2025

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves. SILVA, Luzia Batispta de Oliveira. O imaginário na obra Aritmética da Emília de Monteiro Lobato. Educare et Educere, v.12, n. 242, jan./abr.2017. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/16432/11177> Acesso em Agosto de 2025

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves. GOUVEIA NETO, Sérgio Cândido. Números complexos na aritmética da Emília? Uma leitura conceitual do termo números complexos a partir do contexto Histórico da Educação Matemática. BOEM, Joinville, v. 6, n. 9. jan./jul. 2018. <https://www.revistas.udesc.br/index.php/boem/article/view/10577> Acesso em Agosto de 2025

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 2 ed. São Paulo. Brasiliense. 1948.

LOBATO, Monteiro. **Aritmética da Emília**. Ilustrações de Belmonte. 1ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

LOBATO, Monteiro. **Aritmética da Emília**. Ilustrações de Belmonte. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

LOBATO, Monteiro. **O Poço do Visconde: geologia para crianças**. São Paulo. Editora

Brasiliense, 1965.

LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato vivo**. Rio de Janeiro: MPM Propaganda; Record. 1986.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e Política**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

SILVA, Tércio Gustavo e LEITE, César. Artista a Educação... proposições e ensaios com experiências de um professor de arte. *Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 17, e26*, p. 01–20 – jan./dez. 2024. <http://dx.doi.org/10.5902/1983734888095> Acesso em Agosto de 2025.

Histórico

Recebido: 17 de agosto de 2025.

Aceito: 12 de novembro de 2025.

Publicado: 31 de dezembro de 2025.

Como citar – ABNT

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves. *Artistarimética* da Emília: arte e aritmética presentes no ensino de matemática na Obra de Lobato. **Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC**, Belém/PA, n. 55, e2025005, 2025. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n55.e2025005.id812>

Como citar – APA

Oliveira, A. G. (2025). *Artistarimética* da Emília: arte e aritmética presentes no ensino de matemática na Obra de Lobato. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (55), e2025005. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n55.e2025005.id812>

Número temático organizado por

Iran Abreu Mendes  

Cláudia Regina Flores  